Canção de Fé e Esperança

POR

ALVARO MAIA
—DA—
Academia Amazonense de Lettras

MANAOS—1923

CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA

POR

ALVARO MAIA

(Discurso pronunciado, em nome da Mocidade Amazonense, no Theatro Amazonas, na sessão nocturna de 9 de Novembro, commemorativa do centenario da adhesão á Independencia Nacional, a 9 de Novembro de 1823. —Mandado imprimir, para distribuição gratuita, pela Commissão Promotora dos Festejos, composta do coronel Bernardo da Silva Ramos, professores Agnello Bittencourt, Manoel de Miranda Leão, coronel Antonio Bittencourt, Padre Thomaz de Aquino, drs. Aprigio de Menezes, Vicente Reis, João Baptista de Faria e Souza, Vivaldo Lima, Arthur Cezar, major Licinio Silva, jovens Aguinaldo Ribeiro, Antovilo Vieira, Cassio Dantas, Jorge Andrade, Galdino Mendes Filho e José de Alencar).

MANAOS — AMAZONAS — 1923

Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

Somente o esplendor desta hora febril, hora de reverencia ao passado e de saudação ao futuro, obrigaria o mais obscuro dos moços amazonenses a entoar, em nome de companheiros da mesma jornada, a sua canção de fé e esperança, ajoelhado, como em aras sacrosantas, sobre a terra bemdita, destinada a ser o ninho de grandes realizações, quando a America implantar a hegemonia definitiva no mundo.

Somente o esplendor desta hora febril, de gratidão e de oração, reuniria aqui este oceano tumultuante, em que as vagas tomaram formas humanas e, espelhando ao fulgor do céo, elevam um cantico de victoria, misturando em suas espumas e em seus gemidos os vultos de hontem e de hoje, confundidos na voz das idades em prol dos luminosos destinos deste berço verde, genetriz de civilisações.

Somente o esplendor desta hora febril, clarinando em nossos horisontes pela redempção, teria o milagre de accordar na alma da mocidade as energias adormecidas, vertendo-lhe aquelle desapego que levou Ajuricaba á rebellião e á morte, dois modos supremos de reagir ás oppressões e ás tyrannias, quer partam de estranhos violando a integridade do solo, quer partam de homens da mesma raça polluindo as reservas do Estado pelo engano aos que o servem com desinteresse, pelo affastamento dos que o defendem com patriotismo.

Somente o esplendor desta hora febril explicaria este *poean* da gente nova, agrupada neste recinto sem credos politicos, sem malquerenças nem odios, suppondo que todos, moços e velhos, amigos e inimigos, se conjugam sob as correntes dos mesmos ideaes

e rendem graças aos céos pela fraternidade, pela liberdade, pela eternidade do Amazonas.

* * *

A pureza da idéa transforma o nosso territorio num formoso templo, não importando que nas lages corram rios, e se alteiem floréstas, e vagueiem tribus, e morram pelo norte, á feição de altares naturaes, as serras das fronteiras: as nossas palavras, tranverberando embora as maiores revoltas, são apenas orações, são supplicas, são vozes bravias do solo, onde ainda pullulam gentes opprimidas, que abençoam, pelo trabalho, os seus oppressores. Nesse templo de quase dois milhões de kilometros quadrados, pomos o joelho em terra e celebramos o nosso primeiro centenario de vida livre, quando em Manáos, então simples aldeia, os nossos viris antepassados adheriram á independencia nacional, que voara de São Paulo em hosannas, em gritos, em alleluias, através de todo o nosso paiz. Tambem no logar ermo, em que a fortaleza da Barra attestava o dominio do conquistador, veio o brado do Ypiranga incendiar as consciencias, accender o rastilho da emancipação, e o resultado foi o Nove de Novembro, a data verdadeira da constituição do Amazonas em provincia do imperio e, mais tarde, estado federado da republica. Não é proprio o momento para estudar a primeira injustiça que nos attingio, com o acto do governo central incorporando-nos ao Pará, de que nos alforriamos muitos annos após, a cinco de setembro de mil oitocentos e cincoenta,— data feliz que encobrio, até agora, o relumbrante facto historico de mil oitocentos e vinte e tres. A propria acceitação dessa data foi uma injustiça nossa, repetida annos successivos, sem responsabilidade directa dos amazonenses actuaes, que, somente hoje, restabelecem o lado real das cousas e coroam de racimos e corymbos os heroes de um seculo atrás. Pratica-se, assim, um admiravel acto de justiça, sob o applauso collectivo, sob a acclamação do povo, que presta ao Amazonas a homenagem de seu culto e de

sua admiração, crente em seu porvir feito de sol, banhado de sol, florido pelo sol... Ave, neste dia de glorificações supremas, aos agitadores de idéas e de acções, pela palavra ou pela penna, pelo pensamento ou pelo fuzil; ave aos que morreram pelo ideal, ou viveram pela esperança, sepultando nos paludes sonhos architectados em longas noites, na constante adoração da liberdade; ave aos conquistadores, aos exploradores, aos bandeirantes, que percorreram a terra pela primeira vez, recebendo, pobres abelhas!, o premio do anniquillamento pelo goso fruido; ave ás tribus guerreiras, que, em seu heroismo inconsciente, defenderam as balisas do sólo, tingindo-o de sangue, num ultimo adeus sangrento aos vencedores; ave a todos quantos se sacrificaram, a todos quantos desappareceram, a todos quantos contribuiram para o triumpho magestoso daquelle dia, fossem quaes fossem os motivos, desde os cilicios, que modelam caracteres, até as ambições limpas, que forjam sociedades. Mas não páram ahi essas bençams, que cingem este primeiro seculo de vida, o seculo do desbravamento, precedendo o seculo da propaganda e do progresso do Amazonas, do verdadeiro Amazonas de amanhã; abrangem, por sua vez, os continuadores daquelles pioneiros, os que herdaram o conhecimento das explorações, e abriram caminhos, e exploraram rios, e percorreram selvas, e nos desvendaram, pela maravilhosa tuba da lingua, ao resto da humanidade, de labios abertos em interrogação; attingem os luctadores de agora, que ficam de pé nas trincheiras e, vencendo as consequencias da maior crise do paiz e as maiores injustiças dos poderes centraes, levantam um apparelho financeiro sem rival para a resistencia, impedindo que se fraccione, ou soffra interrupção, o trabalho tenaz das gerações passadas; e, em gestos hieraticos, abarcam o futuro, os dias, os templos, os factos, as conquistas do futuro, —os homens felizes que hão de ver o Amazonas desabrochando em seus multiplos braços, como um oceano que sóbe bebendo as correntezas dos rios,— o sangue que lhe entregamos sorrindo, em holocaus-

to estonteante de belleza... Que destino lhe estará reservado? Pertencerá ao Brazil, ou constituirá uma nova nação, impellida do todo commum pelas continuas expoliações, que se succedem anno e anno, derramando, a ondas largas, essa idéa racional que anima os mais tristes e miseraveis escravos,—a ansia de ser independente, a ansia de respirar com alma?

Não podemos precisar o fim. Mas podemos dizer que esse povo teve o inicio da liberdade em mil oitocentos e vinte tres e que os seus ascendentes somos nós, que lhe votamos todo o nosso amor, sonhando-o grande quando ainda é pequeno, querendo-o forte quando ainda é fraco, pedindo-o livre quando ainda é escravo.

Não ha pessimismo na phrase. Despovoado e inexplorado, o Amazonas é um gigante á maneira de Gulliver, e, por falta de confiança em seus membros, muito tempo levará a quebrar as linhas, que o prendem á escuridão e á pobreza. Quando ellas se partirem, ao abrir-se ao mundo o estadio impenetravel, as bençams, que hoje espalhamos sobre as cinzas dos antepassados, caberão a nós, atalaias das tradições redivivas, templarios das cathedraes ameaçadas, videntes da gloria de amanhã.

* * *

Seja-nos permittido idealisar essa epoca pelo sonho ou pela phantasia, e imaginar a sua fulgural eclosão, ao claror das energias despertas, calculando-lhe a força, como se pode calcular um rio pelas nascentes, pelas arterias, pelas chuvas, pelas vertentes que o sustentam.

Tomaremos por base as cidades embryonarias antes da derrocada financeira, quando uma vida incessante e vertiginosa corria num deslumbramento, e a fartura, decorrente de uma simples monocultura, entornava a alegria e a felicidade por estas ribas torrenciaes.

Não eramos a terra da promissão, conforme a velha imagem rethorica, porque não iamos abrigar uma determinada leva acossada pelos flagellos. Não

eramos um valle florente, para onde corressem os sedentos e os famintos, os dejectos das raças amaldiçoadas, varridas pelo esphacelamento.

Não eramos a illusão dourada, que fulgia em arvores-miragens,— pomos de Asphaltite, que se desfaziam em cinzas ao toque de convulsas mãos profanas, tremulas de emoção e de fome. Mas eramos o Eldorado, estendendo planicies fecundas para pedestaes de cidades de ouro; mas eramos o paraiso verde com circulos azues de actividade, florindo em campos geraes como em florestas virgens, em chapadões de terras firmes como em valles humosos; mas eramos o oasis sumarento, fadado para acolher os perseguidos de todos os desertos e de todos os simuns; mas eramos o tracto infinito, onde ainda se ouvia, revelado pelas vozes das aguas e das selvas, o estrepito de nossas avós-centauras; mas eramos o Amazonas, principio e fim, berço e tumulo, riso e lagrima, carcere e redempção de nossa vida! Ao pronunciar essa palavra, escripta a rubro num missal de amor, os labios tremem e rezamos, os joelhos dobram-se e beijamos o chão.

A hostia concentra o poema transfigurador do Calvario; esse vocabulo, pela evocação grandiosa, concentra uma historia, divinisada pelo soffrimento e pelo amor. E é esse amor que nos faz prever o Amazonas de dois mil e vinte e tres, como uma patria em que milhares de homens, unidos pelo mesmo affecto, celebrem uma nova era, sustentando, por seu poder financeiro, uma potencia economica formidavel, cujas caryatides serão as fabricas plantadas nos campos, os armazens com incalculaveis valores, as cidades debruçadas á margem dos rios nervosos e barrentos. As estradas de ferro communicarão os affluentes entres si e porão em contacto os reservatorios de riquezas, que se prolongam do rio Branco aos campos-geraes do Madeira. Uma população hygida viverá á margem das linhas ferreas, dirigida por homens capazes de iniciativas, resuscitando essas prodigiosas cabeças-dynamos com que os americanos do norte assombram o mundo. Surgirão das sombras, elaborados pela acção

fecunda do meio, os super-homens de Emerson e os heróes de Carlyle, seja qual fôr a modalidade da lucta, —na arena do pensamento pelo sonho, na arena do valor pela realização. Esses homens, interrogando a nossa actualidade, que será uma aurora, terão palavras de commovida compaixão por nossa crença nessa prosperidade, nestes annos em que uma especie de eclypse, contrastando ao sol do equador, empannou o brilho das consciencias, sepultando-as em somnambulismo.

Será o Amazouas da liberdade, essa orchidea rara, cujo perfume sentimos vagamente e que não possuimos,—liberdade que brotará irresistivelmedte das consequencias do progresso e da lucta, e que terá a força das caudaes, descendo com impeto pelas montanhas. Haverá então o culto da responsabilidade, sob a sentinella desse povo que se sonha, povo-senhor, povo-constractor, povo-luctador, que fluctua em nossas cabeças, como uma de nossas chimeras mais exaltadas e puras.

E, nessa robusta previsão, não ha phantasia. Seria negar as possibilidades deste pedaço do mundo, que detem forças tremendas nas cachoeiras; seria negar a producção espantosa destas leiras em abandono, onde o homem, nomade e voluvel, se alimenta do estrago e da destruição; seria negar a gleba que não está explorada, a selva que se conserva de pé, as aguas que se perdem nos leitos, o solo que permanece virgem. Aproveitai-o, e tereis o espanto.

Lavrai-o, e tereis os celleiros para invernos e verões, sem necessidade de achegas. O anniquillamento do Amazonas é um arrojo verbal,

Não ha resurreição por não ter havido derrota. E' um erro considerar esta phase oscillante, este periodo transitorio de crise, um collapso, um estado mortal, cuja renovação seja tão difficil como um resurgimento.

Soffremos apenas a crise parcial de um producto, que tem sido o nosso eixo de vida, e cuja depreciação nos desorienta e desnorteia, dando-nos os prenuncios negros do naufragio. A nossa actividade

consiste em aproveitar as offertas gratuitas da terra.

«Não ha razão, de nossa parte, para desfallecimentos,—dizia eu em vesperas de sete de setembro de mil novecentos e vinte dois. Trabalhemos, repeo conceito de Franklin: «quem vive de esperanças morre de fome; um trabalhador de pé é maior que um aristocrata de joelhos». (*)

Atravessamos, na Amazonia, o periodo das explorações: sangramos arvores, devastamos florestas. Não lavramos a terra: carregamos o que nos offerece. Seringaes e castanhaes não foram plantados; cresceram magestosamente, sem que lhes achegassemos ao tronco uma pá de terra, sem que lhes podassemos um galho inutil. O segredo da flora e da fauna permanece virgem; grande parte da bacia hydrographica, inexplorada; o subsolo, guardando mineraes no somno secular.

Os rios gigantes, que assistiram o encantamento de Orsua e Orellana á contemplação da natureza extraordinaria, não desafiam levas migratorias, mas povos que formem as civilições sonhadas por Humboldt.

Trabalhemos !

Accusam-nos de raça triste e, de facto, corre em nossa veia creadora, num sopro eschyleano de rajada, uma tristeza singular. Dominemol-a, arando a terra que rebenta em esperanças. Deve palpitar no coração de todo homem o Hylas da idade heroica, prisioneiro das nymphas, em que a humanidade symbolisa muitos sonhos. (**)

Não posso comprehender a causa de blasphemias contra a terra-mater, por moços que não sustentam uma idéa, por velhos incapazes de um holocausto.

Orgulhemo-nos de nossa patria, cheios apenas de um scepticismo: o scepticismo da morte, que não nos permittirá ver este paiz daqui a cem annos, em plena apotheose de progresso, quando formos, na accepção juridica do termo, uma grande patria».

(*) Richepin—«L'Ame Américaine», pag 105.
(**) Rodó—«Motivos de Proteu», pag. 329.

* * *

A natureza amazonica estende-nos as suas offertas portentosas. Mas, perante o seu resplendor, havemos sido surdos, aproveitando apenas o que gratuitamente nos proporciona. Pouca differença temos do elemento selvagem, si apreciarmos os factos com a devida proporção.

Imitamos, no gigantismo destas florestas, os parasitas vorazes, que sugam a seiva e fascinam ao primeiro exame. A vista do observador perde-se nas petalas de sangue, feridas rubras enfeitando os troncos vetustos, e deixa em esquecimento a arvore bemfeitora, de que rouba a seiva. Demais, não nos aprofundamos na questão, seduzidos pela natureza revoltada ante os profanadores. O primeiro obice ordena a retirada... Retiramo-nos. E, entretanto, no Amazonas, só o homem ainda é um vencido. Tudo é um tempestuoso anceio de vida, seja em tragicos scenarios de cachoeiras e correntezas, seja na belleza calma dos paludes e dos lagos amortecidos. Mas, nesses contrastes, em quietação ou borborinho, em movimento ou beatitude, a natureza é uma forja em eterno labor. Só o homem é um automato, um velho desesperançado, um naufrago impotente, mesmo quando surge da fusão dos grupos dispersos, que por aqui se confundem. Não ha caldeamento, nem selecção, e somente aos annos e aos factores raciaes cabe crear o typo vencedor e representativo do amazonense futuro. Não queri sso dizer que a conquista tenha sido facil, offerecendo-se os meandros ao primeiro olhar. Ella tem importado em successivas batalhas. As epidemias, o desconforto, o desanimo bombardeiam-nos ferozmente, vencendo-nos muitas vezes. As sepulturas ficam abertas nas florestas, á borda dos barrancos, sem cruzes e sem recordações, protegidas apenas pela esmola e pela caridade da luz.

As fórmas de trabalho, que a terra nova improvisa, multiplicam-se, e algumas são loucas expressões de heroismo. O homem não aprende: adapta-se ao meio, segue o mimetismo dos inferiores. Sóbe as ar-

vores, mergulha nos rios, vára trechos imprevios, entregue aos mais disformes exercicios. Todas as nossas profissões, as mais faceis, são arriscadas paginas de heroismo e de sacrificio, pontilhando a immensidade de tumulos ignorados.

Sobre a corrente, as canôas descem como catafalcos, carregando cadaveres, vigiados por espectros, cujas manifestações de dor, quando entreabrem a bocca no estertor do gemido, trazem o escarneo de risadas de lemures em orgias. As casas, agarradas aos barrancos, são passageiras e servem apenas para mezes. Não conseguem formar o lar tradicional, em que a saudade é a força invisivel e fatal que mantem o culto da gente.

Em certos pontos, as tribus barbaras estão de pé, e repellem, com as mesmas armas do descobrimento, os invasores modernos. Os dramas resurgem. Repetem-se os encontros sanguinolentos, durante as safras dos productos lucrativos.

Vê-se que o scenario do Amazonas ainda é virgem, com passagens iguaes ás da descobertas; virgens, os processos de lucta e de vida; virgens, os lances de destemor. Nestas leguas sem fim, o homem avança, os bandeirantes caminham norteados pela ambição, que é um apanagio de victoria.

Hoje é um acampamento em margem de rio que os mappas esquissam em linhas pontuadas; amanhã, o caminho serpenteia, floresta a dentro; mais tarde, o seringal abriga centenas de moradores.

*
* *

Todas as bençams devem cahir sobre os homens destemerosos que desbravam o Amazonas,—os nativos calumniados, que morrem em sua trincheira de honra, e os sertanejos do nordeste calcinado, os cearenses que, talvez pela selecção em que vivem, constituem o expoente racico mais definido e caracteristico do Brazil. O poema da colonisação do Amazonas, illuminado pelo clarão gelado de tresentos mil mortos, ainda não foi escrito. mas o seu fulgor, como

o luar nas geleiras, espadanando Hymalaias de chammas, cáe sobre nós á maneira de um opulento *gulf-stream*, que nos traz do passado, das idades remotas, a coragem e o calor para a belleza e para a gloria.

Esses homens rudes, que sentem no espirito a adustão de seus sertões e a agitação de seus mares, transmudam-se em valentes, ao contacto sarcastico dos cabocios, desvendam o labyrintho de nossas terras, e, no momento preciso, se metamorphoseiam em soldados para morrer ou vencer, cantando pelo orgulho de sua patria. Vel-os-eis, em Porto-Acre, pelejadores em nome do Amazonas e do Brasil, contra um exercito, bater uma nação: vel-os-eis enfrentar, em fronteiras indefesas, invasores imprudentes; vel-os-eis, no rio Branco e no Madeira, no Javary e no Negro, como sentinellas, conservando no coração o culto da terra e da gente. Nas extremas agonias, quando a crise os forçou á reacção e o governo central pensou em caçal-os a balla, elles, os detentores dos menores segredos florestaes, os vencedores de uma nação, deram o exemplo de não derramar o sangue fraterno e evitaram a lucta, o assassinio e o roubo. Procuraram as cidades e os povoados, e pediram soccorro e ordem para fugir ao bolshevismo industrial que se inplantara, e, quando receberam passagens para longe, banharam de pranto a terra, que provocou a lagrima para trazer o riso, que os redimio e purificou pela crystallisação da dor. E, de longe, esfumadas as imagens nas retinas, cedem á nostalgia e voltam á casa desprezada, dispostos ao reinicio da lucta.

O Amazonas reconhece quanto deve aos nobres bandeirantes do nordeste: a mocidade proclama-o, neste minuto religioso, pela voz dos seus filhos agradecidos, que resumem, na mesma gotta de pranto, a saudade pelo nativo indomavel, educado pelo heroismo, e a saudade pelo bandeirante longinquo, moldado pela coragem.

Nessa oração, reza tambem pelos mortos, pelos que dormem na terra e velam por nossa tranquillidade, pelos que rasgam os sulcos e deitam as sementes para as messes vindouras. As ossadas são neces-

sarias ás nações. Não morre o povo que se nutre dos exemplos grandiosos dos mortos.

«Sabemos que não ha um gesto, um pensamento, um peccado, uma lagrima ou um átomo da consciencia adquirida que se perca nas profundidades da terra, e que, ao mais insignificante dos nossos actos, os nossos avoengos se levantam não dos seus tumulos onde se não mexem, mas no fundo de nós proprios, onde vivem sempre. Somos guiados pelo passado e pelo futuro». E assim, segundo esse consolador pensamento, tão sabiamente desenvolvido por Maeterlinck, nos momentos supremos do combate, temos sobre a cabeça, como uma flammula espiritual, a visão protectora dos antepassados, dos mortos amparando-nos do fundo de suas covas. Os proprios vivos, que vacillam e cambaleiam, tomam, de repente, aquelle sobrenatural esplendor: erguem-se para continuar a lucta. Ainda é de hontem o *Débout! les morts!* que os soldados francezes soltavam no avanço, suppondo-se protegidos pelos numens do passado.

Nessa batalha infrene e sem treguas, que se trava no Amazonas, ouvimos tambem essa imprecação: de pé os mortos! E, em todos os recantos, palpamos mãos que nos guiam, braços que nos favorecem, olhos que nos envolvem, cobrindo-nos de coragem e de perdão.

*
* *

O Amazonas deve o seu progresso exclusivamente ao esforço proprio. Venceu só, ao impulso de seu commercio e de suas classes laboriosas.

E' um filho devotado, que sempre contribuio para o conforto da casa paterna e que de seus paes não recebeu sequer a instrucção primaria ou profissional.

E quando perguntei, quase incidindo num sacrilegio, si persistiria no bloco brazileiro, ou se deslocaria mais tarde, eu me apoiava á opinião dos mais clarividentes estadistas nacionaes, a começar pelo conselheiro Nabuco de Araujo, quando pedia a colonisação das margens dos nossos rios e a sua navegação

por navios nossos, e pelo Barão de Cotegipe, atemorisado pela «mudança radical nas condições do trabalho», creando o «antagonismo politico entre as provincias do sul e as provincias do norte» e, como consequencia, aquelle «choque de interesses que tem ameaçado a União Norte Americana». (*)

No presente, além de Sylvio Romero, que annunciou a profunda divergencia entre o norte e o sul, é a campanha persistente de homens de responsabilidade e da propria imprensa, que pregam estados do norte como colonias do sul: recebem os seus productos, pagam os impostos, e não chegam a ter livre arbritrio na escolha de seus representantes e dirigentes. Devido a isso, chega a haver dentro das lindas da mesma patria, em pleno Rio de Janeiro, conjunctos para a defesa do norte, jornaes para a defeza do norte, como si o norte fosse um feudo do sul.

Ha um murmurio de formal desapprovação, quando as accusações chovem sobre os poderes constituidos do paiz, na parte concernente ao Amazonas. Mas, sem que importem em felonia estas minhas palavras, partidario intransigente de um Brasil uno e poderoso, quaes são os favores prestados pela União ao nosso Estado?

O Amazonas, pezar de novo, entregou e entrega milhares de contos ao governo federal, em successivas arrecadações; guerreou heroicamente em Canudos; auxiliou a revolução acreana e precipitou os acontecimentos que deram origem ao tratado de Petropolis; impede, bem ou mal, que estrangeiros se assenhoreiem das nossas terras, como acontece na zona do rio Branco; cede os seus proprios para funccionamento de repartições de exclusiva attribuição do governo federal, que não o indemnisa no minimo ceitil; assiste na resignação da impotencia, que lhe deturpem a vontade popular, acceitando, como representantes, medalhões falsos, que lhe não prestaram talvez o raro incentivo de uma palavra... Além das obrigações strictamente necessarias, como o radio e as repartições

(*) Joaquim Nabuco—«Um Estadista do Imperio», pag. 399 e 216, I

arrecadadoras, eu queria saber, em satisfacção aos impostos que pagamos, quaes os obsequios recebidos... Defesa da borracha? Haveis de concordar que foi uma carniça para engordar os tubarões e as piranhas da Avenida Central com ordenados fabulosos.

Apoio á borracha em occasiões difficeis? A Associação Commercial responderá qual o papel representado pelo Banco do Brasil com a sua entrada no mercado, nos annos calamitosos da guerra.

Valorisação da borracha? Ainda em mil novecentos e vinte e um, o dr. Epitacio Pessôa negava o menor auxilio a esse producto, sob o sophisma de não ser igual ao café. (*)

Tranporte ?-O commercio exportador dirá o que foi essa crise no periodo alarmante da catastrophe mundial, e até poucos mezes, qual a utilidade do Lloyd Brasileiro, companhia official, emquanto os seus navios apodreciam nos estaleiros europeus... Defesa da fronteira, esse principio sagrado das mais infimas republiquetas? O forte de São Joaquim tem valor como redil ou preciosidade paleontologica; o forte de Tabatinga, onde os nossos abnegados soldados soffrem o horror do tedio e do impaludismo, não infunde respeito sequer aos caucheiros peruanos. Não resisto em transcrever Alberto Rangel: «O casal Agassis sorriu do poder offensivo dessa praça em que Monnier consignou como exclusivo resquicio de artilharia, um canhão antigo aos pés de seu reparo desencarretado.

Em mil novecentos e oito Tasso Fragoso, para gratificar de uma olhadella o reducto famoso, teve que fazer roçar o caminho ás vergonhosas ruinas desse desgraçado posto de fronteira e banzar para o termino tapera.» (**)

O arremedo de Cucuhy dispensa qualquer commentario...

Colonisação, fomento agricola? Foi tudo iniciativa particular, esforço particular, gasto particular.

(*) Memorial ao Presidente Bernardes, Relatorio da Ass. Commercial, 1923, pag. 26.

(**) Alberto Rangel—«Sombras Nagua», pag. 12.

Pergunto, então, quaes são os poucos beneficios que devemos aos poderes centraes. Porque beneficios não são individuos que aqui vêm em missões especiaes de ministerios, nem empregos creados sem necessidade para soccorrer afilhados, mas obras e actos, que orientem a collectividade em suas horas tenebrosas.

Injustiças, sim, essas recebemos prodigamente, a começar pela usurpação do Acre. Ainda em mil novecentos e quatorze, ao desencadear da guerra, o governo nos dava uma prova de sua consideração, transferindo a séde da região militar e a da flotilha do Amazonas para Belém. Não faz muito tempo, repetio a façanha com a estação do radio. A desintelligencia entre o norte e o sul surge dessas anomalias, dessas differenças, e não de bandeiras ou hymnos estaduaes, simples roupagens sem effeito nacional nos paizes em que se distribue igualmente a justiça. Que rumo tomarão os factos, si persistirem as excepções odiosas, quando crescer a nossa população e quando reclamar o norte os direitos que lhe assistem ?

* * *

«O São Francisco, diz João Ribeiro, é o grande caminho da civilisação brasileira», e «de suas cabeceiras, em que pairam as grandes bandeiras», partiram «os dois maximos factores do povoamento»,—o impulso das minas e o impulso da creação—E' o rio que banha o pedaço chamado o *Brasil brasileiro*. «O extremo norte, a Amazonia, é um excesso indiatico; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platino: ambos esses extremos estão fóra ainda hoje do seu influxo original: revolucionam-se quando tudo está em paz, ou prosperam em meio da miseria universal».(*)

Essas palavras dizem que não estamos integrados á nacionalidade e, alicerçados nellas e interpretando-as mal, certos individuos sandejam até em livros, contendo os maiores disparates. Um delles, bas-

(*) João Ribeiro—«Hist. do Brazil», pag. 163.

tante injusto, subvencionado pelos cofres publicos estaduaes, não trepida em affirmar, alem de outras invencionices, que, «dentro desta floresta, nunca a aza de uma lenda ergueu vôo roçando os navegantes morenos, que olham da prôa dos transatlanticos, nunca uma nota de ternura se elevou e quedou suspensa no ar», e «que o rio Amazonas domina toda a floresta como um maleficio: a sua funcção é destruir».(*)

E' flagrante a curteza da visão. Talvez as enchentes annuaes não sejam, quando estiver a vida perfeitamente organisada, o espanto e a destruição de hoje, mas a fertilisação, a vida, o esplendor. Não têm o inesperado das catastrophes que dizimam outros pontos: é fatal nos mezes de inverno. O homem necessita apenas encontrar o meio de vencel-a, habitandos pousos altos e fazendo das margens campo de agricultura. Essas enchentes, transformadoras de scenarios, constituem ainda uma defesa aos caboclos, aos amazonenses, acoimados injustamente de retardatarios e de preguiçosos. Em outros Estados, mal uma geada perturba cafezaes, mal um riacho invade um logarejo, os cofres publicos federaes saem a amparal-os, entre applausos das confrarias e artigos laudatorios de nescios, que parvoejam sobre a sua terra dos reservados nauseantes das casas de jogo e de bebidas.

As seccas, os terremotos, as inundações, calcinam, abalam, submergem as terras de tempos em tempos, em largos periodos, mas alguns desses empecilhos primam pela transitoriedade: ceifam montes, mas desapparecem; destróem cidades, mas fogem. No Amazonas, as enchentes, em altura maiores ou menores, são annuaes, e anniquillam o esforço dos operarios modestos da selva, que não têm uma directriz, um auxilio na obra portentosa da resistencia e da tenacidade: urge canalisar esses esforços, vencendo a natureza, corrigindo-a em suas imperfeições.

E o rio deixará de ser o destruidor incessante, o semeador da morte, o fulminador cruel para valorisar as terras e os campos pelo humus depositado nas

(*) Veiga Simões—«Daquem e Dalém Mar», pag. 12.

asperas estractificações, como lembrança de sua passagem fecundadora. Até esse dia, occulto pelos annos ou pelos seculos, resistiremos nesta immensa tragedia, oriunda da lucta em meio virgem.

Continuaremos a cahir na aspiração perseverante de melhores dias.

Para a realização de tantos sonhos, milhões de homens serão plantados em covas, como sementes de tradições vindouras. A morte, no conceito alevantado do romancista peninsular, não será, nesta natureza tão linda, o esqueleto barbaro interpretado pela arte da idade media, com o seu riso descarnado e sua foice implacavel, a ceifar louras searas humanas, jardins adolescentes que apenas começaram a florir. Será a mulher fecunda e robusta, de olhos sensiveis e parados, mas de seios fartos e volumosos, aleitando a recordação e o esquecimento.

Seus pés escondidos, calçados em cothurnos de ferro, farão tremer a terra, cahir o silencio e murchar a flor.

Mas, após a passagem, tudo renascerá: reviverão as flores com força indestructivel; trinarão as aves; levantar-se-ão da poeira os velhos, os debeis, os inuteis, transfigurados pela juventude. (*)

Essa é a morte que os rios do Amazonas conduzem em suas devastações; exterminam em beneficio futuro, escarvando o leito definitivo nas derrubadas de de margens, nas erosões, nos cataclysmas. A «terra cahida», o apparecimento e o desapparecimento de ilhas, os paranás, os furos, essas transformações são meros accidentes, necessarios ao trabalho incessante e formidando.

Nesse drama permanente, rolam aos abysmos, como suaves rosas de sombra, os exploradores, desde os missionarios «que encheram de vida com as suas missões o deserto do Amazonas» (**) até os seringueiros, sustentaculos admiraveis de uma sociedade... Hosanna a esses heroes! O primeiro ainda é preso

(*) Ibañez—«La Horda», pag. 208.
(**) João Ribeiro—Idem, pag. 208.

pelo ideal religioso, pela seita, pela fé. O segundo, mais soffredor porque lhe falta a crença, rompe o caminho, expõe-se ao primeiro ataque, á primeira derrota, á primeira enfermidade.

«No inverno, quando o seringal se alaga,
não se vê na missão quem não celebre
com hostias de quinino, e bocca em praga
a missa archiliturgica da Febre.

E's missionario sem burel e estola;
Tens nas mãos a semente das cidades,
que semeias sem Christo e sem Loyola». (*)

Christo e Loyola acompanham-n'o de longe, emquanto, muitas vezes, o seringueiro arqueja e morre, na estranha allucinação, que idealisou Humberto de Campos. Leva á cabeça, no delirio da febre, um busio em abandono, e cáe no somno infinito, tendo no ouvido o fragor oceanico, como um canto da ultima lembrança da ultima praia. Ou, sendo nativo, ouve a orchestração da natureza circumdante, que lhe é, no momento caliginoso, o perfume resuscitavel de todos os sonhos mortos.

Foi com esses dois luctadores que o Amazonas conquistou, não sem difficuldades, o seu logar na Federação. Esses, sim, são os nossos credores supremos.

As consequencias sociaes da conquista lenta, geradas pelas explosões de Nove de Novembro, estão nos actos que engrandecem as gerações anteriores. A extincção da escravatura constituio um exemplo, como constitue outro exemplo a nossa ascensão economica, sem amparos outros que os do trabalho particular e da iniciativa particular, embora tenhamos sido, pelas injustiças que nos attingiram e attingem, a ultima circunscripção autonoma da União Brasileira. Viviamos trancados ao mundo, e, só após muitos annos, foram os nossos portos abertos á navegação universal, trazendo os navios um sopro inatingido de

(*) Humberto de Campos—«Poeira». 2 a Serie, pag. 40.

cultura e progresso, que se derramou pelas principaes arterias, movimentando a riqueza paralysada. As demais consequencias virão após, com as vias ferreas entre zonas intransitaveis, para descongestionamento de armazens inehauriveis, com as linhas novas de transporte sobre os rios, sobre os ares, nos pontos mais distantes da terra, em que Mercurio, com azas movidas por forças electricas, espalhará os germens da felicidade, approximando e engrandecendo os homens.

* * *

Na formação da arvore frondosa, que resume a força de nosso berço natal, devemos ter a abnegação das raizes, trabalhando no seio do solo, para que os galhos arracimados reverdeçam e se dobrem ao peso de flôres e folhas. Cantem, em cima, os ventos; esplenda o sol, e espalhe o seu pendão de ouro; rujam os temporaes renovadores e passem as primaveras; a arvore encante os olhos, e dê alimento, e dê poesia, que a raiz, como um braço sem descanço, persistirá em sua faina religiosa, sem perguntar porque se martyrisa na escuridão e na obscuridade, sem a menor revolta pelo destino humilde.

Não quer significar essa these uma passividade. A floresta esconde todos os symbolos. Quando a arvore tentar usurpar ou desviar a semente para longe, essas raizes, hoje pequenas, devem brotar á flor do solo, enrolar-se ao tronco indomavel, na obstinada lascivia das heras, e hauril-o em annos successivos,—prendel-o pela vida ou pela morte, como os apuhys gigantescos, polvos fataes e tenazes em sua idéa mortal. A lucta deve abstrahir-se de preconceitos e de regionalismos, mas chega a ser crime negar ao homem o direito de viver na casa onde nasceu. E não é para uma derrota, mas para uma finalidade triumphal, que semeamos o territorio de ossos, que o glorificamos por gottas de suor, crystallisando nessas perolas mudas, nessas lagrimas do esforço, a symphonia e a esperança dos nossos destinos.

A nossa lucta para o desvirginamento da nova Atlantida, boiando na vastidão da America como um corpo verde e voluptuoso, reclama tambem uma audacia inflexivel no sentido de repellir a injuria e a pequenez, até no dia, sonhado em deslumbramento, em que ás gerações novas, gerações amazonenses, (estão incluidos nesse termo todos os homens honestos que aqui vivem, ou para aqui vêm) fôr entregue a direcção do Amazonas.

Foram chimeras as tentativas feitas nesse sentido, porque idéas semelhantes nascem com o tempo, com a educação do meio e a cultura civica da mocidade, e não com programmas emphaticos e assembléas tumultuosas e heterogeneas.

Soffremos as consequencias dos meios em crescimento. Somos compellidos a soffrel-as muitos annos mais, caminhando na ondulação actual, até que fortes correntes, canalisadas pelo maior numero, ainda nas escolas e nas academias, quebrem os diques, destruindo-os se fôr preciso, para dominar, sobjugar e dictar as suas normas de ver e dirigir, no sacrificio do individualismo pelo interesse collectivo, e não no sacrificio da collectividade pelo bem estar individual.

Que importa o holocausto de alguns, que, pela defesa desse ideal, fiquem ankylosados numa eterna sideração?

Nas grandes batalhas, a vanguarda morre e abre caminho para as reservas victoriosas. Toda morte deve ser bemdita, desde que seja em nome da patria. «O unico meio de assegurar a victoria da justiça é bater-se a gente contra tudo que é baixo, fraco e odioso no presente». O mesmo Roosewelt dessas palavras accrescentara que o «credito pertence ao homem que desce com sua pessôa á arena, e cujo rosto fica sujo de poeira, de suor e de sangue». (*)

Encarar os dias com indifferença, — indifferença pelo voto popular, indifferença pelas finanças publicas, indifferença pelas torpezas administrativas, — é um crime, que deve ser regra de velhos cache-

(*) Luiz Cordeiro—«Roosewelt e a Amazonia», pag. 47.

ticos e de moços corrompidos; jámais, porém, da gente nova de uma terra, cujo momento psychologico de acção pela liberdade póde criar a sua alvorada redemptora no centenario do primeiro vagido de emancipação politica. E' o instante da mocidade intervir na lucta, interessar-se pela marcha de seu Estado, sem a inconveniencia das opposições systematicas como dos apoios incondicionaes. Soou o momento opportuno dessa iniciativa e, em sua defesa, devem formar fileiras todos os amazonenses, dentro ou fóra do Amazonas, porque a distancia só é um salvo-conducto de impassibilidade para os que têm o germen do commodismo e da covardia. O amazonense deve trabalhar pela grandeza de seu berço, onde quer que se encontre, acompanhando com interesse os assumptos que lhe dizem respeito, surdo aos doestos e aos insultos dos que lhe atirarem pedras, em nome de um falso patriotismo e de um falso amor.

Será esse o conciso programma que, divergente em certas directrizes, só tem um principio basico,— o amor pelo Amazonas, a defesa do Amazonas, o bem para o Amazonas.

Mas, nesse programma sem exclusões odiosas, com o regaço aberto aos filhos de outras terras, animados de respeito e de honestidade, de coragem e de trabalho, nesse programma de querer o Amazonas, está incluido o apanagio da liberdade, pelo respeito á vontade das minorias, pela livre manifestação do pensamento, pela legalisação do interior entregue ao marasmo e despido das menores formulas juridicas, pela constituição de congressos que interpretem a necessidade do povo. E, como consequencia, apagará todas as miserias e amoralidades, condemnando os bajuladores, os louvaminheiros, os traficantes da fortuna publica, os mentirosos e os bufões acostumados ás farças e ás impudencias, todos os bôbos que são objecto de escarneo e que engrossam a galeria abjecta do ridiculo, ou as paginas de baixo humorismo dos livros coloridos, postos á venda em barbearias e quitandas.

* * *

Os amazonenses não sonham muralhas para o Amazonas. O sectarismo não encontra adeptos aqui. Desejam que homens de todos os climas seleccionados procurem estes rios, purifiquem a raça e abram sulcos para as sementes. Pensam que esses homens, nacionaes ou estrangeiros, têm direito ás posições pelo esforço desenvolvido, que é a recompensa natural do trabalho. Querem apenas pudor, querem brio, querem competencia,—palavras incolores e vagas, que passaram a ser verdadeiros milagres.

E' um programma em bem de tudo e de todos.

A epoca da rehabilitação, sob esses principios, não tardará a lançar os seus clarões no horisonte plumbeo d'agora, listrado de nevoeiros e desfortunios.

Sigamos Ruy. Façamos de suas palavras um evangelho, em sua prophetica invocação á liberdade.

> «Tu não és a escada do poder; és, nas sociedades adeantadas, o elemento sagrado que o limita. Não te chamas dominação: chamas-te igualdade, tolerancia, justiça. Não te entregas em monopolio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um systema: exiges uniformemsnte para todos, eliminadora do mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem. Só te comprehendem os que te não recusam aos seus adversarios; porque tu és a discussão, a lucta das intelligencias, o combate das idéas.
>
> Nenhuma opinião, nenhuma politica, nenhuma invenção humana é privilegiada contra ti; sobre todas entornas imparcialmente os teus raios, a cujo clarão o erro se descobre, e prevalece a verdade. Seu influxo decompõe as creações ephemeras e crystallisa as divinas...
>
> As procellas, as trombas. os cyclones devastam, mas não duram.
>
> O que não passa é o oceano das verdades eternas, indifferente ao rugir das paixões contemporaneas, e por sobre elle a immensidade siderea das almas, que és tu, ó liberdade!»
>
> «Teus heróes não são os gigantes da carniça, os classicos da perseguição, os semi-deuses do terror; são os bens, os mansos, os justos, os martyres da impassibilidade politica no throno, na ple-

be, nas seitas ferozes, os homens limpos de sangue alheio, que venceram pregando, escrevendo, edifficando — salvando, e morrendo, os que, abraçados comtigo, semearam a religião, lavraram o direito e estabeleceram a moral e a politica, esse composto de moderação, experiencia commum». (*)

A norma dos amazonenses deve ser essa, sejam quaes fôrem as consequencias, para a salvação da sua terra, repellindo com ousadia os mendigos do voto, os negocistas da felicidade do Estado pelas commodas posições do momento... Talvez minhas palavras representem chimeras, como espumas soltas em rendas sobre as aguas. Os moços são os vencidos de hoje: hão de ser amanhã?

* * *

A rehabilitação está em marcha e, por bem ou por mal, chegará a tempo de converter os miasmas em ar virtual, em honra, em pão, arrimando os vencidos e os miseraveis com as economias que lhes fôram subtrahidas a golpes de força, pela mudança da lei em tranpolinas e tranquibernices. Essa facção tentará renovar os problemas vitaes de nossa terra, sem protelar direitos mas sem applaudir leis clandestinas, forgicadas em segredo, como os pactos que os salteadores premeditam, ao livor de fachos e punhaes. Todas as formulas imperiosas da actividade, que exalta os povos, desde o operario ao letrado, encontrarão alento, encontrarão apoio, sob as iniciativas das classes conservadoras e dos poderes estaduaes, que serão obrigados a empregar os impostos a prol do povo e da terra.

Esse modo de ver, que os chalaceadores consideram tentativa visionaria, será uma realidade ao influxo da acção, capaz de pôr homens no poder: após dois ou tres periodos governamentaes sérios, consolidados na confiança publica, será difficil a reinstallação de governichos arbitrarios, servidos por Pasquinos

(*) Ruy Barbosa—«Discursos e Conferencias», pag. 549.

e Quasimodos, acostumados á zombaria e á dicacidade, em bachanaes torpes ante a miseria do povo. A rajada de luz, que apparecer, espantará os vampiros, os morcegos, forçados á procura dos antros proprios aos que vivem sugando sangue. Porque sugar sangue não é somente matar o individuo e exercer a funcção de sangue-suga.

Sangue é suor, sangue é trabalho, sangue é esforço. E não reconhecer esse esforço, esse suor, é occorrer no mesmo crime dos vampiros.

Aos moços amazonenses,—homens em botão e mulheres em manhã, cabe architectar a obra resurgente, em qualquer profissão que tentarem, mas principalmente no trabalho de ensinar creanças,—de formar almas e modelar caracteres. Cabe ás professoras, que vão exercer seu magisterio em meio selvagem, desbordante de bellezas e tremendo de ferocidades: muitas desconhecem, no descuido do altruismo, o papel preponderante que desempenham, luctando, como guerreiras sem munição, num Estado em que o problema da instrucção, exceptuando talvez Manáos e alguns pontos do interior, é uma tristissima, dolorosissima incognita, devido á escassez das verbas.

Sois, minhas patricias, o grande braço da resurreição, porque dais a centenas de creanças, como nas phrases commovedoras do Padre Nosso, e sem que recebais o pão de cada dia, a letra de cada minuto, luz de cada hora, o trigo de cada manhã.

Sois divinas esculptoras, corrigindo as obras da creação, nas imperfeições com que brotaram das revulsões, das erosões, desse apavorante mundo, verdadeira «selva selvaggia», em que a sciencia esbarra, espantada ante mil imprevistos,—que é a creança, producto de entrechoques hereditarios. Entra o salão de aula, revelando nos instinctos os anathemas sombrios de morbidos atavismos, e não perguntais de onde vem nem para onde vae. Sabeis apenas que chega fria, que precisa de calor e de sol,—sol e calor que enthesourais no coração, accumulados por vossos mestres em cinco annos de curso.

E como bate á porta do templo do sol?

Em idade capaz, passados os annos da primeira infancia, na alvorada fulgente da adolescencia? Não! Vem como um passaro implume, tiritando ainda dos longos vôos atravez de espaços ennevoados, na desconfiança de quem pousa em florestas soturnas, em paragens desconhecidas, veladas por sacerdotisas, em cujas frontes a aureola do respeito e da formosura imprimio um cunho de pureza e santidade.

A voz, em suas boccas, ainda é um pipillo, uma suave surdina arrastada em *scherzos* e *tremolos*; os seus olhos são andorinhas medrosas, de azas sem pennas, tremendo sôbre precipicios; os seus braços não têm movimento. Mas, ó delicioso milagre, após ligeira hybernação nesses jardins da infancia a que Frœbel imprimio a sua aguda penetração, após esse interregno de «aprender pelo divertimento», ellas gorgeiam á flagrante transformação: a sua voz não é pipillo. mas gorgeio; os seus olhos não traduzem o espanto, mas os albores do conhecimento; os seus braços não se desengonçam nem se desarticulam como de polichinellos, mas traçam linhas quando se estendem ou recuam. E porque? Ingenua interogação! Porque lhes déstes voz, porque lhes déstes luz, porque lhes déstes attitudes, arrancando da treva da ignorancia almas para a belleza e creaturas para a patria! Saúdo em vós, semeadoras, o futuro de nossa terra, que reclama, para a sua libertação, a semente decisiva nesses rebentos que se erguem, e cujos galhos, projectando-se pelo tempo, possam dar sombra e carinho a todos nós, a essa epoca lenços vacillantes em ultimo adeus á vida, bemdizendo o vosso trabalho e a vossa lucta. Nem é mistér que transcorra meio seculo para essa resurreição, desde que o trabalho comece presentemente, na geração de hoje.

Cabe a exhaustiva tarefa á vós, que sois como Scheherazades morenas, ou como fadas que vêm despertar princezas adormecidas, apenas com essa varinha magica,—o giz, e com esses signaes de chiromancia,—as vossas palavras!

A nossa terra atravessa o periodo do crescimento, exigindo cuidados maternaes, chammas e revol-

tas, para que se não desvirtuem os nossos sonhos, nem se desvirginem, ao sopro do arrivismo e do impatriotismo, as aspirações sagradas que trouxemos do berço.

A geração futura, ainda argilla em vossos dedos creadores, deverá ter consciencia e altivez, com almas harmoniosas e espiritos perfeitos.

Lembro-vos as phrases de um amazonense illuminado, foragido de sua terra que lhe negava o pão, apezar de ser um expoente e um symbolo rebelde,—amazonense que foi morrer, para não mentir ás suas idéas, nas solidões dos barrancos acreanos. Deixai que eu lembre as palavras de Heliodoro Balbi, cuja morte, em terras que nos foram subtrahidas, ainda foi um protesto contra o assalto.

Dizia elle aos seus collegas, ainda moço, em despedida aos bancos academicos, como uma profissão de fé perante a vida, que lhe ia ser uma estrada de Calvario :

> «Ides para o meio dessa tremenda subversão de principios e caracteres—mas ide como uma força de resistencia, como uma audacia convencida da firmeza do seu protesto. Levantae-vos contra todas as torpezas e iniquidadades, contra os desmandos dos almetas e bonzos, satrapas e lacaios republicanos, cujos idéaes não transpuzeram nunca a cerca da sua herdade, a linha do horisonte da sua aldêa e, aparvalhamente, querem dirigir opiniões, governar povos, superintender cidades e educar gerações.»
>
> «As sociedades caracterisam-se pelas revoluções e o homem que as constitue e que não é um centro de revolução não é um factor social.
>
> Garibaldi, Mazzini, Cipriani, Bolivar, Bakounine, Andrada, Tolstoi são a imagem da liberdede, ella mesma feita homem, para quebrar os ferros dos martyres e abrir as prisões dos justos. Protestai, pois, contra todas as tyrannias, contra as da imprensa como as dos governos, contra as dos juizes como as dos mestres, contra as de todos aquelles que têm uma parcella de poder social. Opponde-vos firme e tenazmente ás mashorcas daquelles que, com estupendo cynismo e indigna covardia, mercajam a honra da patria, infamando a gloria do seu nome»·

Mas adeante, num arroubo, continuava em phrases candentes sobre o paiz:

«Entrae, sim, mas entrae como uma voz de protesto contra os olygarchas da republica, contra os jornalistas impudentes, contra os advogados sem escrupulos, contra os governos lodrões, contra os juizes venaes. Entrae, sim, mas entrae como legionarios do direito, como sentinellas da justiça, como amigos da liberdade e do homem. O patrimonio dos orphãos, a massa dos fallidos, os bens dos ausentes, precisam de mãos puras para guardal-os, de mãos limpas para geril-os, de mãos honestas para movel-os.

Hoje que os Fabios, os Curcius, os Cincinnatos raream, desapparecem, morrem, é preciso creal-os, fazel-os, multiplical-os. E ha de ser de vós que sahirá o renascimento da patria abatida, a fraternidade dos homens no esboço amorpho da sociedade de amanhã, prologo incolor ainda dessa epopéa de luz, inassignalavel hoje. mas que será o estado definitivo e ultimo da constituição social». (*)

* * *

O Amazonas entoará, com a victoria dos seus filhos, o hymno de uma epoca de ouro: o Eldorado não será uma phantasia com «valles de sombra e montanhas de lua», escondidos na imaginação, como pensou Edgard Pöe, mas o solo em que as cidades livres e os homens livres terão cantos e bençams para a vida. A instrucção ensinará o homem a querer, virilisando-o por uma vez para a patria una e solidaria, em que o direito tenha uma funcção de ordem e de força.

São palavras de Ihering: «o povo que não tem o sentimento vivo e energico do seu direito, não saberá defender a sua independencia e a sua liberdade».

Muitos succumbirão na lucta, mas as suas idéas, como as flammulas do Espirito Santo aos Apostolos, trarão calor para avivar os sedentos de justiça e de paz, rememorando as acções dos que soffreram e morreram pelas causas justas. E esse sacrificio fará recuar os proprios assassinos, que tomarão attitudes pelo exemplo do holocausto e da morte. Applicar-se-á aos phalangiarios a exclamação do montanhez grego, que,

---

* Heliodoro Balbi,—Discurso na Fac. de Dir. do Recife, pag. 54.

ao tombar no Olympo, após sangrento combate pela patria, dizia aos abutres, que lhe devorariam mais tarde o cadaver: «As vossas garras vão tornar-se fortes como as da aguia, quando tiverdes comido a minha carne». (*) Assim tambem, á influencia das acções nobres, sustentadas com sangue, os olygarchas e os plutocratas, abutres negros das democracias, tomarão rumo differente, porque aprenderão outros modos de agir com a revelação do civismo.

O Amazonas, ermo de traidores, estenderá os seus braços de mãe amoravel sobre todos nós, que soffremos e vivemos á sua sombra, sem uma palavra de maldição e de desalento, embora sacudidos violentamente por blasphemias e rebeldias contra os erros e os crimes, Mas, nesse trabalho insano, não lançamos anathemas contra o solo fecundo, que as flores encantam e as aguas banham de lagrimas, nem para o céu, de onde as estrellas caridosas assistem em seu resplendor tremulante, o entreabrir dos nossos olhos maravilhados para a vida, ao embalo purificador de nossas mães, cujo amor é como as auroras do polo: perpetuo em seu rebrilho inconfundivel, sem clarões de sol equatorial e sem densidades de noites tempestuosas...

Eu sempre tive esse carinho pela minha terra, porque penso que ella não tem culpa das ondas de lama que lhe atiram os ingratos, e porque tenho crença irrefragavel, pelo imperio irremovivel da evolução e pela propria fatalidade universal, em seu fim sumptuoso.

* * *

Como nos versos immortaes de Olavo Bilac, ha ainda, na hora presente, aquella avida sarabanda de genios máos, dansando em tripudio sobre florestas apocalypticas, óra expremendo «a impotencia do odio estulto, em perfidos esguichos de veneno,» óra espirrando «arrogancias pelos póros». Mas, a hora grotesca nem sempre viverá, e as Amazonas heroicas,

(*) Gomez Carillo—«La Grecia Eterna», pag. 129.

varrendo para longe os duendes, renascerão, em bem da patria e da gente.

«Nem sempre durareis, eras sombrias
De miseria moral! A aurora esperas,
O' Patria! e ella virá, com outras eras,
Outro sol, outra crença em outros dias!

David renascerá contra Golias,
Alcides contra os pantanos e as feras...
Os corações serão como crateras,
E hão de em lava mudar-se as cinzas frias...

As nobres ambições, força e bondade,
Justiça e paz virão sobre estas zonas,
Na confusa fusão da ardente escoria.

E, na sua divina magestade,
Virgens, reviverão as Amazonas,
Na cavalgada esplendida da gloria».(*)

Nós cremos nessa epoca de paz e de justiça, sem obsessões vesanas de crimes, ó Amazonas, novo berço das Amazonas!

Ha de chegar o dia em que, sob o effeito da sinceridade, as calumnias se esgarçarão, confundindo os seus inventores deliquescentes.

Ha de vir o seculo de ouro de Swedenborg, em que o ar não permittirá que a mentira saia da bocca. (**)

Todas as verdades nadarão sobre as aguas churdas em que se acham afogadas, apagando a atmosphera de ridiculo assacada contra nós, como se quatrocentas mil almas, espalhadas pelos pontos mais distantes, fossem responsaveis pelos desvairios das minorias. Nem a historia será escripta sobre esssas bases de areia e lodo. «A administração brasileira, disse Ruy, está no habito de suppor que a historia se manufactura com as partes officiaes, os telegrammas diplomaticos e os panegyricos dos jornaes amigos. E' um engano infantil, uma concepção rustica ou selvagem do mundo moderno». (***)

(*) Olavo Bilac—«Tarde», pag. 35.
(**) Maeterlinck—«O Thesouro dos Humildes», pag. 256.
(***) Ruy—Cartas de Inglaterra, pag. 187.

Devido a isso, os historiadores do futuro, consultando fontes seguras, espanarão a poeira, a immundicie, o monturo, e irão restabelecer a verdade, embora revolvam os archivos mais complicados e secretos. Todos os «monstros feios, cujo peso affrontoso a terra opprime», todos os «espiritos obscenos,» que ferem, «em vez dos corações, os calcanhares», todos esses anãos, «vastos e estereis, ôcos e sonoros, unicamente grandes no tamanho», (*) — serão obrigados a sahir de tojos e antros, e apparecer em suá nudez, para serem inoculados e desmedullados, como os coelhos nas salas dos laboratorios...

* * *

Surgirão, frente a frente, os teus bemfeitores e os teus detractores, ó Amazonas . . . E, da comparação, veremos que, ainda pelos annos das grandes navegações aventurosas, Americo Vespucci, enxotado pelos vagalhões, sentia o teu perfume, e dizia, debruçado sobre a esteira de espumas: «Si ha no mundo algum paraiso, está perto daqui». (**) Aguirre, com o coração em odio e remorso pela traição a Orsua, escrevia deslumbrado, que eras a salvação com as tuas seis mil ilhas fluviaes. Bates confessava: «A imaginação desvaira, quando medita no possivel futuro desta região, situada no centro equatorial da America do Sul, no meio de uma zona quase tão grande como a Europa, com o solo exuberante e fertil, e tendo communicações naturaes com o Atlantico, as republicas de Venezuela, Colombia, Equador, Perú e Bolivia». (***)

E' por demais conhecida a expressão de Euclydes, considerando o clima do Amazonas um clima calumniado. O nosso mal, o impaludismo, tambem grassa ás portas do Rio de Janeiro. E' o grande mal que desapparecerá com o preciso combate. (****)

(*) Bilac,—idem, pag. 24.
(**) Barão de Sant'Anna Nery, «The Land of the Amazon», pag. 23 (Versão de George Humphery).
(***) Bates,—«Naturalist on the Amazons», pags. 145 e 227.
(****) Lafayette de Freitas e Castro Barreto—«A Lucta contra a Malaria no Districto Federal do Rio de Janeiro e outras zonas.

Tavares Bastos exclamava: «Collocado entre dois oceanos, e entre a Asia e a Europa, o valle do Amazonas será o centro do commercio do mundo, como, nas visões de Colombo, a America apparecia entre duas grandes massas dagua, equilibrando a terra».(*)

E Humboldt, e Agassis, e Castelnau, e Roosewelt, não conseguiram impedir manifestações de assombro ante os teus encantos inenarraveis. Basta a palavra desses magos. Bastam as phrases insuspeitas dos espiritos independentes que te observam, e te sentem, magoados com as injustiças, com que te ferem nos mais simples desejos, a ti, que deste agua e pão em dias de sêde e de fome!

Nada és no concerto do teu paiz. O receio ao escandalo, e não o respeito ás leis, livrou-te de outros attentados, e porque ainda serves de recursos aos poderes centraes em seus instantes de graves crises politicas.

Lembram-se, então, de ti. O centenario de tua adhesão á independencia é commemorado apenas dentro em tuas frontreiras e no coração dos teus filhos.

Varios Estados irmãos appellaram para o paiz, por intermedio de suas bancadas, e o paiz a elles se associou, directa ou indirectamente, até escrevendo o seu nome no exérgo desses dias. Nós ficamos em silencio, reluctando em reviver uma injustiça ignominosa, e certos de que o nosso appello ficaria sem resposta, porque era um appello civico, levantado em nome da Historia, sem tratar de politica, de accordo, de transacções indecorosas.

Resolvemos festejal-o apenas em nosso lar, em nossos altares, á sombra de nossa Cathedral azul, erguendo os seus dois braços soluçantes aos céos, em frente ao rio Negro, e implorando a bençam do Senhor dos Homens e dos Mundos para todos nós...

Esse retrahimento em nada diminuio a nossa alegria, e palpitará em nossas almas como um sol, até o dia em que, pelo fim, a vida se decomponha em pequeninas lembranças geladas, soltando sobre o in-

---

(*) Tavares Bastos—«O Valle do Amazonas», pag. 162

verno triste em que penetrarmos, como as flôres alvas e irregulares que os *ice-bergs* espargem nos mares boreaes, á maneira de espumas solidificadas, boiando á tona das vagas. Estamos em paz com a nossa consciencia, e agradecemos ao povo o halo carinhoso com que nos circunda. approvando os surtos do nosso patriotismo. Os homens dos centenarios futuros terão uma resposta cabal, quando se curvarem sobre a éra presente, constatando que, pezar desta hora de marasmo, a alma collectiva teve um dos seus momentos de exaltação. E, festejando a data em outra Manáos, ou em outro Estado, talvez realizando a prophecia de Lewis Herndon e de Humboldt, terão saudade de nós.

E, assim como alguns delles assistem a passagem deste dia no prolongamento vital de seus descendentes, ou em alguma arvore frondosa que lhes recolheu os atomos, nós tambem, por essa mesma dôce e acalentadora esperança, lá estaremos, ao menos pelo prestigio sempre vivo da recordação. O Estado, na apotheose de seus destinos, entornará fartura pelo mundo com a potencialidade das correntezas de seus rios...

A nossa bandeira formosissima, cortada por uma torrente rubra,— monumento aos que tombaram pela civilisação, derramará um dulçor infinito sobre o povo: as vinte e nove estrellas, esplendendo em fundo cinzento-azul, scintillarão sobre as nossas frontes ardentes, como a do Pastor sobre as mattas, na candidez das madrugadas de verão. A aguia do nosso escudo, óra em medroso surto de vôo, sacudirá a cabeça e abrirá as azas poderosas para receber em pleno peito, espannejando-as em ensaio para remigios triumphaes, a luz firme, as centelhas da obra que forjamos, como obreiros modestos, na obscuridade e no silencio destes tempos de treva e degradação.

E, com o pensamento na claridade redemptora de amanhã, sentimos o coração oscillar num alvoroço, em rythmos e pausas, sonhando homens livres dentro em uma nação livre e um grande Amazonas integrado a um grande Brasil, fraternisados pela mesma communhão da terra e da raça, pelo mesmo ideal

do idioma e da historia, pela mesma anciedade da grandeza e da força...

O nosso coração despetala-se, como uma ignea victoria-regia, para receber a tua bençam, suave perfume de gloria, ó Bandeira de paz e de estrellas, que lembras, em tuas côres vívidas, um rio calmo, em cujo centro rolasse uma nesga de sangue,— óleo divino das revoluções e força motriz dos pôvos fortes.

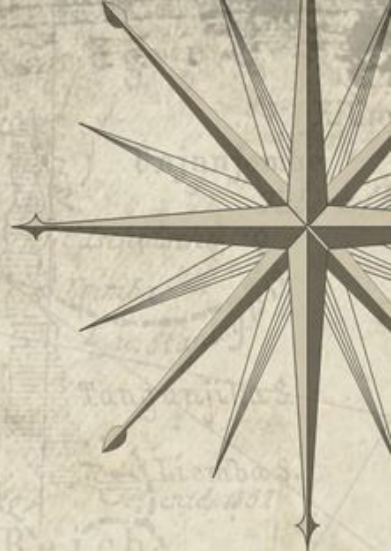
Em tuas côres, reunindo a terra e o céo num abraço convulsivo, está expresso o nosso juramento: ajoelhamo-nos ante as tuas dobras, ó Bandeira de estrellas e de paz, beijando-as como si fossem boccas virgens, mas promptos, nas horas graves, para os sacrificios, que dão aos homens attitudes de deuses em ira...

E, nesse gesto de veneração, cahimos de rojo para que te levantes, e bemdizemos o declinio pela tua victoria, e somos combustivel pela tua luz, e temos alma para abençoar a dôr pela tua alegria e a morte pela eternidade de tua vida, ó Amazonas!

E' inutil abafar a chamma da liberdade nos peitos em que resplandesce silenciosamente, porque, no momento opportuno, ella encontrará abertura por onde fuja em caminho do céo, rasgando vallas e cratéras. E essa chamma triumphante existe dentro em nós: apenas aguarda a hora para rebentar o seio negro em que jaz, e voar, e fulgir,— e viver...

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM